

LUANA CRISTINA RIBEIRO MOTA

**ESTILHAÇOS – A VIOLÊNCIA  
CONTRA A MULHER EM PERFIS**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

2017

LUANA CRISTINA RIBEIRO MOTA

# **ESTILHAÇOS – A VIOLÊNCIA A MULHER EM PERFIS**

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

2017



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulado “Estilhaços – a violência a mulher em perfis”, de autoria da estudante Luana Cristina Ribeiro Mota, aprovado pela banca examinadora constituída por:

---

Prof. Mariana Ramalho Procópio Xavier – Orientadora  
Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais

---

Prof. Felipe Lopes Menicucci  
Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Talita Iasmin S. Aquino  
Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais

Viçosa, 1º de Dezembro de 2017.

## **Agradecimentos**

Certo dia lendo a quaisquer escritos por aí, me deparei com a frase: “O quão feliz é uma pessoa depende da profundidade de sua gratidão”. O autor é desconhecido, ou, pelo menos, a sensação que tive ao ler a frase não é de saber de quem veio, mas sim para quem. Se a felicidade é mesmo questão de gratidão, certamente sou a pessoa mais feliz do mundo e a minha felicidade não é composta por F E L I C I D A D E, assim, como se soletra. É construída com pequeninhos tijolos e em cada um deles, nomes especiais que levarei por toda a minha vida. Vocês, sem sombra de dúvidas, são a diferença que o mundo precisa.

Agradeço primeiramente a Deus, não pelo clichê, mas pela minha fé! Diversas vezes pensei em desistir, em deixar para lá. Foram aparecendo enfermidades e a cada dia eu me via menos saudável, a beira de um ataque de nervos. Doeu, literalmente, chegar até aqui. Doeu o estômago, o intestino, a cabeça, as costas, o coração. A pressão caiu, subiu e nunca mais estabilizou. Obrigada, Deus! Sem sua força, alguns remédios e os cuidados de minha mãezinha, Vanessa, Viktor e Krislayne, todas as dores teriam me acometido e nada disso seria possível.

Agradeço ao meu pai, pelas palavras que jamais esquecerei: “Eu confio no seu taco, você vai conseguir”. Tudo que sou hoje, vem do amor do melhor pai do mundo. Agradeço também às ligações preocupadas perguntando se tomei o omeprazol, se eu estava bem ou se eu quisesse desistir, ele estaria ao meu lado. À minha mãe, que com o maior coração do mundo, foi meu colo, e, principalmente ouvido para reclamar da vida e de quando as coisas não pareciam dar muito certo. Ao meu irmão que sempre fez a propaganda: “Minha irmã está escrevendo um livro” e sempre foi um dos meus maiores incentivadores, mesmo quando eu desmarcava nossas saídas para ficar enfurnada no quarto produzindo.

Ao Viktor, sinônimo de paciência, sempre ali, com uma palavra de conforto, com alguma solução para os problemas que iam surgindo ao longo da caminhada. Também não posso deixar de agradecer à minha família de Viçosa, Vanessa e Lorena, por ouvirem cada conquista, pela torcida e pela leitura dos meus textos, sempre me incentivando e me mostrando que eu era sim capaz. Aos amigos da COM 14 que sempre deixaram claro a admiração pela minha luta e pela minha escrita. Isso foi muito importante ao longo do processo. Também não posso deixar de citar o Léo do Pop, pelas conversas e dicas incríveis. Um verdadeiro amigão nos tempos difíceis.

Aos amigos do DCM, em especial Albert e Priscilla. Esse cara é um ser indescritível, uma pessoa querida que me ensinou muita coisa, se preocupou com qualidade do livro e sempre esteve ao meu lado, me apoiando até mesmo nas gambiarras para que a foto de capa saísse. E ela, meu maior amor dentro do curso. Priscilla é amor da cabeça aos pés, é a mãezona com corpinho de 20 que sempre me acolheu nas horas mais difíceis. Com certeza será a minha maior saudade diária.

Por fim, preciso deixar um espaço reservado a ela: Mariana! Nunca tive contato com alguém de postura tão ética em seu trabalho, tão preocupada com as pessoas, tão amorosa e ao mesmo tempo, tão rígida. Obrigada, Mariana! Por cada reunião ser motivo de descontração, mesmo com as datas batendo à minha porta. Obrigada por estar sempre ali, me respondendo, tirando minhas dúvidas. Você é a luz do DCM, sorte a minha poder compartilhar com uma mulher tão admirável essa pesquisa. A sua figura representa tanto para mim a ponto de me fazer querer invadir reuniões para deixar bem claro que além de linda por dentro e por fora, ninguém precisa desenhar nada a você. Afinal, a sua inteligência é algo que não cabe em nenhum agradecimento. A confiança que você sempre depositou em mim, me reerguia quando, em silêncio, eu estava desmoronando. Obrigada por não me deixar desistir, por puxar minha orelha quando preciso e principalmente por ser você. Eu já sabia que aquela professora de voz mansa, pequenininha, seria alguém que marcaria a minha vida. Com certeza você é! Devo parte da mulher de luta que sou hoje a você.

Estilhaços, a obra que me fez mudar, me fez ter cada vez mais o sentimento de empatia, de amor às mulheres. Por isso, meu agradecimento final vai para vocês, mulheres: pretas, brancas, gordas, magras, trans, cis, hétero, lésbicas, bi empoderadas ou não. Todos os frutos de um árduo caminho, foram por vocês sempre.

## **Resumo**

O livro “*Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis*” é um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Estilhaços é um livro-reportagem com sete perfis de mulheres que sofreram violência ao longo de suas vidas e, ao narrar as histórias de superação, a obra tem como finalidade ser mais um dos mecanismos que abordam a temática para reforçar a necessidade das vítimas denunciarem seus agressores. As narrativas deste trabalho são construídas a partir da perspectiva da autora que relata e dá o protagonismo para as mulheres e suas histórias de superação da violência de gênero.

**Palavras-chave:** Violência, mulheres, perfis.

## **Abstract**

The book “*Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis*” is an experimental project produced as a final course project to obtain a bachelor's degree in social communication - journalism by the Federal University of Viçosa (UFV). Estilhaços is a book-report with seven profiles of women that have suffered violence during their lives, and by telling overcoming stories, the narrative has the aim to be a mechanism to approach the theme and reinforce the victims' need to denunciate their aggressors. The narratives of this project are build by the author's perspective who tells and gives protagonism to women and their gender violence overcoming stories.

**Keywords:** Violence, women, profiles.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO 1 – UMA REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER</b> .	13
<b>CAPÍTULO 2 – RECURSOS DO JORNALISMO LITERÁRIO NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS PARA ILUSTRAR SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA</b> .....	21
<b>CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO</b> .....	27
3.1. Pré-produção .....	27
3.2. Produção .....	29
3.2.1 O livro .....	32
3.2.2 Diagramação .....	32
3.2.3 Foto de capa .....	34
3.3 Pós-produção .....	35
3.4 Cronograma e Orçamento .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	39

## INTRODUÇÃO

As mulheres são 51% da população brasileira, de acordo com dados do último censo realizado pelo IBGE (2010), mas quando se fala sobre os seus direitos, é comum associá-las a uma minoria. A ideia de minoria não é só numérica, nesse caso ela tem a ver com a posição estrutural que as mulheres ocupam na sociedade. Uma situação de desvantagem em relação aos direitos dos homens, tanto numa ótica de direitos civis, quanto num aspecto de ocupação dos espaços públicos e privados.

A violência contra a mulher se materializa de diversas formas: Agressões físicas, verbais, sexuais, abusos psicológicos, assédio, lugar de fala não respeitado, menosprezo, desvalorização e o mais grave dos meios de violentar uma mulher por questões de gênero, o feminicídio<sup>1</sup>. É a supremacia masculina e a posição de homens e mulheres na sociedade os fatores que acarretam os crimes citados.

A relevância de tratar a violência contra mulheres se dá ao passo em que a temática ainda precisa ser muito mais fomentada pelos veículos de comunicação para que os índices – sempre alarmantes em pesquisas – surtam efeitos nas sociedades e a mulher possa ocupar o espaço que lhe é direito, assim como homens, além de ter sua integridade assegurada.

Homens andam livremente pelas ruas e não são submetidos pelos mesmos constrangimentos que as mulheres, têm mais direitos assegurados e não são assassinados por relações de gênero. Homens são mortos por outros homens – o que se caracteriza como violência urbana – enquanto mulheres são vítimas de feminicídio. Uma pesquisa realizada pelo Data Popular e Instituto Patrícia Galvão<sup>2</sup> revelou que “98% dos brasileiros conhecem, mesmo de ouvir falar, a Lei Maria da Penha<sup>3</sup>, e 86% acham que as mulheres passaram a

---

<sup>1</sup> Feminicídio é o homicídio doloso praticado contra a mulher por “razões da condição de sexo feminino”, ou seja, desprezando, menosprezando, desconsiderando a dignidade da vítima enquanto mulher, como se as pessoas do sexo feminino tivessem menos direitos do que as do sexo masculino. Disponível em: <https://draflaviaortega.jusbrasil.com.br/artigos/337322133/feminicidio-art-121-2-vi-do-cp>. Acessado em 20 de novembro de 2017.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.mulheressocialistas.org.br/dados-nacionais-sobre-violencia-contras-as-mulheres-2/>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

<sup>3</sup> Lei Maria da Penha é o nome dado a uma legislação brasileira que garante a proteção das mulheres contra qualquer tipo de violência doméstica, seja física, psicológica, patrimonial ou moral. Disponível em: <https://www.significados.com.br/maria-da-penha/>. Acesso em 14 de setembro de 2017.

denunciar mais os casos de violência doméstica após a Lei. Para 70% dos entrevistados, a mulher sofre mais violência dentro de casa do que em espaços públicos<sup>4</sup>”.

O tema violência contra mulher, sempre me chamou muita atenção. Desde o início da graduação, dediquei parte de meus trabalhos para a temática. Não somente por ser mulher e gostar de abordar temas sociais importantes na luta feminista, mas também para exercer o papel de dar voz às minorias. A motivação, acerca de violência, por exemplo, vem de uma palavra em especial: Indignação. Falar sobre os vários tipos de violência enfrentados pelas mulheres ao longo da história é primordial, uma vez que o termo está quase que majoritariamente relacionado a agressões físicas. Dessa maneira, investigar casos de violência, fazendo seu devido recorte, possibilita a compreensão das vítimas bem como auxilia na identificação das agressões.

Ana Lúcia Sabadell elucida a compreensão dos estudos sobre violência e sua relação com o espaço que as mulheres vêm conquistando ao longo dos tempos

Os estudos sobre a violência de gênero têm se expandido nas últimas décadas. Isso decorre de um processo de mudança social, marcado por uma paulatina inserção da mulher na esfera pública, que se desenvolve no âmbito de uma dinâmica de “avanços e retrocessos” (SABADELL, 2016, p. 169)

Problematizar a questão da violência contra a mulher por meio do livro-reportagem *Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis*, é uma maneira de aproximar a população com a realidade dos fatos. O jornalismo se alia a essa temática à medida que atua como meio de propagação da notícia através de relatos humanizados mais profundos do que algumas matérias em geral. Sobretudo no jornalismo literário que permite narrar notícias a partir do formato de livro reportagem, onde “considera-se um livro-reportagem quando uma obra trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certas nuances literárias” (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 144).

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.mulheressocialistas.org.br/dados-nacionais-sobre-violencia-contra-as-mulheres-2/>. Acesso em 23 de maio de 2017.

O livro-reportagem *Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis* tem como objetivo geral, incentivar que demais mulheres denunciem os agressores por meio dos relatos das vítimas contidos na obra. Além disso, os objetivos específicos consistem em:

- Desmistificar conceitos de violência pré-estabelecidos, assim como tratar sobre o tema;
- Contar a partir de narrativas, relatos de vítimas e como elas superaram os abusos.
- Narrar de maneira simples os impactos que situações de violência trazem na vida dessas mulheres.
- Compreender realidades e o reflexo que a violência de gênero na vida das mulheres perfiladas.

Segundo Felipe Pena (2006), outros mecanismos utilizados pelo jornalismo literário ao que diz respeito à construção do texto e sua relação com a profundidade dos fatos:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper com as correntes burocráticas do *lead*<sup>5</sup>, evitar os definidores primários e garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir pra algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p.13)

Ao retratar a temática da violência contra a mulher por meio do jornalismo literário e a necessidade em discutir sua relevância para a sociedade, “quando escolher um tema deve-se pensar em como sua reportagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2006, p.14). Não somente no que diz respeito às reportagens, mas também à escrita de perfis que relatam algum momento da vida das mulheres ouvidas e a necessidade de veicular as informações de um jeito humano que,

---

<sup>5</sup> O lead é o primeiro parágrafo da notícia e nele o leitor deverá encontrar resposta a seis questões fundamentais: O Quê, Quem, Quando, Onde, Porquê e Como; sendo que as duas últimas questões – Porquê e Como – podem as mais das vezes omitir-se do lead, guardando-se para o parágrafo subsequente. A razão é que, antes de mais, os leads têm duas funções a cumprir: informar imediatamente o leitor das características mais importantes do facto que se noticia; e serem atraentes apelando à leitura do resto do texto. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

tenha como uma das finalidades, comover quem lê. Assim, a relevância social da temática se torna mais um agente na mobilização social contra a violência.

O trabalho em questão tem como finalidade essencial alertar a população sobre a violência sofrida pela mulher principalmente dentro da própria casa. Fazer com que o tema alcance o maior número de pessoas por outra possibilidade midiática, utilizando da riqueza dos detalhes proporcionada pelo jornalismo literário, para que o leitor se sinta mais próximo da realidade das fontes. Assim, é uma forma de sinalizar que medidas urgentes precisam ser implantadas.

Em síntese, Magalhães (2005) pontua a importância da comoção bem como a participação da sociedade no enfrentamento contra a violência, pois mulheres agredidas precisam da solidariedade das outras mulheres e de todos que não concordam com a violência. Mesmo que um pouco mais presentes no mundo contemporâneo, abordar a temática sobre machismo e violência contra a mulher, serão sempre de grande relevância.

Para Renata Gomes da Costa e Clara Maria Holanda Silveira (2012) a mulher é, primeiramente, discriminada por ser mulher, como se essa condição a tornasse incapaz, incompleta ou falha. Mulheres são submetidas à situação de violência dentro de casa pelo simples fato de serem mulheres. Reflexos de uma sociedade sexista.

Citar a violência é citar quem violenta. Mônica Fontana (2001) afirma que:

O abuso por parte do marido ou companheiro é a forma mais comum de violência contra a mulher e está presente em muitos países do mundo. A agressão pode manifestar-se de formas variadas: maltrato físico (golpes, bofetadas, pontapés etc.); psicológico (menosprezo, intimidações, humilhações constantes); e relação sexual forçada. (FONTANA, 2001, p. 104)

Em sua obra, Fontana (2001) também ressalta alguns “valores” reproduzidos pela sociedade, onde a violência contra mulher encontra “justificativa” em normas sociais baseadas nas relações de gênero, ou seja, em regras que reforçam uma valorização diferenciada para os papéis masculino e feminino. Para ilustrar como a temática vem tomando um espaço antes pouco concedido, e reforçar como ainda precisa ganhar muito mais protagonismo em discussões na sociedade, Ana Lúcia Sabadell (2016), sobre violência doméstica, evidencia que até algumas décadas atrás, não eram produzidos dados

estatísticos sobre a vitimização feminina conceitos que mostram como os números relacionados à violência eram invisíveis, conseqüentemente inexistentes.

Sabadell (2016) ainda pontua:

Não se sabia quantas mulheres eram anualmente vítimas de violência doméstica ou quantas morriam assassinadas por homens com os quais mantiveram vínculos afetivos. Hoje vários países, ONGs, organismos regionais e internacionais se ocupam da produção de tais dados (...) Assim mesmo, podemos afirmar que existem avanços que convivem com situações de possíveis “retrocessos”. (SABADELL, 2016, p. 170)

Para tratar a temática, trazer relatos de mulheres que passaram por situação de violência de diferentes maneiras possíveis, faz-se necessário para que o livro-reportagem *Estilhaços* sirva como agente catalizador na vida de outras vítimas, mostrando que ainda há esperanças. É uma maneira de dar voz a essas mulheres, por muitas vezes silenciadas e, por meio da representatividade de quem já vivenciou agressões, mostrar que não estamos sozinhas.

*Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis* é uma obra literária contendo relatos de mulheres de passaram por situação de violência em algum momento de suas vidas, contadas a partir da narrativa da autora. São múltiplas características para as mulheres, mostrando que violência infelizmente não escolhe fenótipo: negras, gordas, trans, cis, etc.

Diante disso, o livro-reportagem surge com a tentativa de aproximar a realidade das mulheres agredidas à população no geral por meio de suas narrativas de vida, a fim somar forças para que a luta contra a violência sofrida por mulheres seja uma luta de todos. Assédio nas ruas, padrões estéticos e estereotipados. Lugar de fala silenciado. Agressões no trabalho, no âmbito familiar. Estupros. A violência acontece quase que o tempo todo, porém está enraizada em nossa sociedade de forma a parecer natural.

## CAPÍTULO 1 – UMA REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER

A violência contra a mulher é uma questão muito naturalizada e pouco discutida em nossa sociedade. Mulheres são agredidas por diversos fatores aos quais é perceptível um denominador em comum: culpa, (MONTEIRO, 1985). Em diversas culturas, o corpo feminino é tido como impuro, pecador e merecedor de atitudes violentas como maneira de punição. A culpa do pecado da humanidade em um ponto de vista católico, por exemplo, é atribuída ao sexo feminino quando Eva – feita da costela de Adão, o que abre a compreensão da relação de superioridade masculina – se corrompeu e comeu o fruto proibido.

Nos dias de hoje não é muito diferente. Mulheres são vítimas de seus companheiros e também de desconhecidos, pelo simples fato de serem mulheres e ainda sim culpadas por episódios de agressões, assédio e etc. A cultura de culpabilização da vítima e a supremacia masculina que justifica tais atos ainda é muito presente em nossa sociedade, e por questões da supremacia masculina, medo e coesão, “poucas mulheres questionam sua inferioridade social” (SAFFIOTI 2015, p.37), o que acarreta na perda de voz, espaço e direitos. Mesmo que haja mudanças no que diz respeito à preservação da mulher enquanto vítima, ainda há muito a avançar no quesito equiparação de gênero.

O fenômeno da violência contra as mulheres acarreta sérias e graves consequências não só para o seu pleno e integral desenvolvimento, comprometendo o exercício da cidadania e dos direitos humanos, mas também para o desenvolvimento socioeconômico do país. (NARVAZ; KOLLER, 2006, p.8)

De acordo com estudos feitos por Vivian Peres Day (2003) divulgados em seu artigo *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*, a violência contra mulher pode ser caracterizada em 4 subdivisões<sup>6</sup>: agressão físicas; violência sexual, abuso psicológico e controle (isolamento) da mulher. Mas é comum esse tipo de violência ser associada somente a atos físicos. Por isso, muitas mulheres têm dificuldade em identificar e relacionar situações do seu cotidiano como crime. Mais um fator que evidencia a naturalização dos

---

<sup>6</sup> O referente trabalho adota as divisões de violência propostas pela autora, a psiquiatra Vivian Peres Day. Entretanto, entende-se que algumas outras formas de caracterização podem ser abarcadas assim como outros conceitos podem existir e serem mudados em outras pesquisas.

casos. Entende-se por violência física toda e qualquer ação violenta onde haja contato físico. A violência sexual consiste em manter relações, tocar, apalpar, invadir o corpo alheio sem consentimento. A violação psicológica se caracteriza em agredir verbalmente, ameaçar, coagir a vítima. Por último, o controle seria manter a mulher em situação de cárcere, restringi-la da liberdade e do contato com familiares, amigos e etc.

Existem inúmeras formas de violência invisíveis – naturalizadas – sofridas por mulheres em geral, mas que se entrelaçam às demais. Podemos citar como exemplo a diferenciação entre os sexos no que diz respeito a direitos. Os direitos masculinos são encarados, na maioria das vezes, como legítimos, onde essa relação de dominação e supremacia entre os sexos se justifica pela ordem social onde os corpos biológicos – gênero – justificam a dominação masculina (BOURDIEU, 2014), os quais homens também se tornam produto dessa dominação fruto da sociedade patriarcal. Mulheres associadas à vulnerabilidade enquanto os homens são sinônimos de virilidade.

Bourdieu (2014) caracteriza a dominação e sua violação como violência simbólica, o que podemos caracterizar como maneiras de agredir que não são propriamente – em grande parte dos casos – vistas como ato de violentar, são invisíveis, mas acontecem o tempo todo. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7). É através de sistemas simbólicos, como a língua, a religião, a cultura, que o poder simbólico se se mostra existente. Silenciar mulheres, desmerecê-las, atribuir valores pejorativos exclusivamente ligados a questão de gênero, são alguns exemplos de como a violência simbólica se manifesta.

Em contrapartida a pontos de vistas arcaicos que atribuem às mulheres a culpa por agressões – seja qualquer uma das divisões acima –, o Movimento Feminista vem com o papel de cortar as amarras do que é imposto pela sociedade e tem como uma das principais bandeiras o enfrentamento à opressão em forma de violência sofrida por mulheres. Entretanto, um lado curioso para analisarmos, é o papel da mulher como oprimida, já que “todo oprimido carrega dentro de si a imagem do opressor” (FREIRE, 1974, p. 82), um trecho onde fica explícito que ao passar de tanto tempo, com consolidação do atual sistema patriarcal, a mulher acaba sendo inserida nesse sistema que a faz pensar, salvo alguns casos,

como opressores. Reflexo dos moldes de uma sociedade dominada por ideais de supremacia masculina.

Como justificativa Simone Beauvoir discorre que o opressor não seria tão forte se não houvesse cúmplices entre os oprimidos (BEAUVOIR 1967). Uma cumplicidade naturalizada, como mencionado anteriormente. Com a banalização e, muitas vezes, a dificuldade em identificar casos de agressões, mulheres aceitam a ideia de que são merecedoras da violência, se culpam e culpam outras mulheres por situações similares por falta de um pensamento crítico a respeito. Reflexos de uma sociedade que pouco discute a questão da violência de gênero.

Ao citar a sociedade patriarcal enquanto uma maneira de expressão do poder político (SAFFIOTI, 2004), e para ilustrar com maior clareza como práticas derivadas de uma hierarquia comandada por um patriarca, a autora enfatiza que:

Em geral, pensa-se ter havido primazia masculino no passado remoto, o que significa, isso é verbalizado oralmente e por escrito, que as desigualdades atuais entre homens e mulheres são resquícios de um patriarcado não mas existente ou em seus últimos estertores. De fato, como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado está em permanente transformação (...) entretanto, homens continuar matando suas parceiras, as vezes com requintes de crueldade, esquartejando-as, ateando lhes fogo, nelas atirando e as deixando tetraplégicas etc. O julgamento destes criminosos sofre, é o óbvio, a influência dos sexismo reinante na sociedade (SAFFIOTI, 2004, p.48)

Patriarcado é um sistema em que os homens dominam as mulheres, seguindo a lógica da divisão de um lar instaurada há anos, onde o patriarca (chefe da família) impõe decisões e comportamento às mulheres. Os homens exercem uma opressão sobre as mesmas, apropriando-se do seu direito de escolha, de se posicionar e de se emancipar (MONTEIRO, 1985).

A questão da violência patriarcal muitas vezes esbarra e se correlaciona com as esferas religiosas, culturais e muitas vezes se baseia em uma moral imposta. No caso da violência sofrida nas ruas – o assédio, por exemplo – comumente o feminino é julgado e como meio de justificar atos violentos para com as mulheres, buscam culpá-las antes mesmo de qualquer amparo. “A impressão que nos fica é que parece mais importante

preservar os valores de uma sociedade que a integridade individual da mulher” (MONTEIRO, 1985, p.17). Se ela sofreu algum tipo de agressão, a lógica social é que de alguma forma, ela é merecedora.

Saffioti (2004) caracteriza agressões sofridas por mulheres todos os dias e a relação com o agressor que geralmente é próximo a vítima:

(...) Mulheres são espancadas, humilhadas, estupradas e, muitas vezes, assassinadas por seus próprios companheiros e, com frequência, por ex-companheiros, ex-namorados ex-amantes. Sobretudo quando a iniciativa do rompimento da relação é da mulher, essa perseguição, essa importunação, esse molestamento podem chegar o feminicídio (SAFFIOTI, 2004, p. 64)

Sobre a Lei do Feminicídio, é importante salientar que a partir de sua criação no ano de 2013, pela iniciativa da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), que teve um papel importantíssimo na investigação da violência contra as mulheres, homens puderam ser julgados pela especificidade do crime. Um avanço no que diz respeito à jurisdição que protege mulheres e pune seus agressores.

Outro fator de suma importância é que ao incluir no Código Penal o feminicídio como crime hediondo (Lei nº 8.072/1990), assim como latrocínio, genocídio, estupro, entre outros, se torna um avanço muito importante no que diz respeito à gravidade da violência contra a mulher. Estar na lista de crimes que o poder legislativo reprova com maior intensidade por parte do Estado, significa que a pena passa por um julgamento mais rigoroso. De acordo com a Agência Patrícia Galvão<sup>7</sup>, “com uma taxa de 4,8 assassinatos em 100 mil mulheres, o Brasil está entre os países com maior índice de homicídios femininos: ocupa a quinta posição em um ranking de 83 nações, segundo dados do Mapa da Violência 2015 (Cebela/Flacso)”.

---

<sup>7</sup> Criada em 2009 pelo Instituto Patrícia Galvão – Mídia e Direitos, a Agência Patrícia Galvão produz e divulga notícias, dados e conteúdos multimídia sobre os direitos das mulheres brasileiras. Seu objetivo principal é dar maior amplitude à cobertura jornalística, influenciando no comportamento editorial sobre problemas, propostas e prioridades que atingem 51% da população do país: as mulheres. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/quem-somos/>. Acesso em 14 de setembro de 2017.

A Lei Maria da Penha<sup>8</sup> também é mais um mecanismo que soma força à luta das mulheres, a qual há 11 anos visa aumentar o rigor das punições sobre crimes domésticos. Diferentemente da Lei do Feminicídio que se caracteriza pela violência de gênero, essa é especificamente para crimes os quais as vítimas tenham/tiveram laços afetivos. Outra especificação é que o feminicídio concretiza o ponto máximo da violência, a morte da vítima. Em suma, ela é o meio mais eficaz de punição para agressores, o que se tornou a melhor maneira de proteger as vítimas.

O objetivo da lei é reprimir todo tipo de violência doméstica contra a mulher. Os tipos de agressões que a lei reprime vão desde a violência física até a violência psicológica. A lei protege a mulher de agressões do esposo, convivente, pais, tios, filhos e qualquer outra pessoa que tenha vinculam familiar com a mulher. Entre as diversas especificações jurídicas que pretendem deixar mais ágeis os julgamentos, a lei acrescentou um parágrafo no artigo 129 do código penal, que trata de lesão corporal, aumentando a pena ates de um ano para três anos na hipótese de agressão contra a mulher. (DE OLIVEIRA, 2014)

Foi a partir da criação da primeira Delegacia da Mulher, no ano de 1985, em São Paulo, após várias reivindicações sobre o atendimento às vítimas que estava disponibilizado na época que o atendimento às vítimas se tornou mais humanizado. A exposição das mulheres aliada ao medo e ao atendimento feito por um homem, muitas vezes as desencorajavam a denunciar. Em decorrência dessa necessidade que o Disque Denúncia 180 foi criado em 2005, pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), com a finalidade de orientar as vítimas sobre seus

---

<sup>8</sup> A Lei Maria da Penha estabelece que todo o caso de violência doméstica e intrafamiliar é crime, deve ser apurado através de inquérito policial e ser remetido ao Ministério Público. Esses crimes são julgados nos Juizados Especializados de Violência Doméstica contra a Mulher, criados a partir dessa legislação, ou, nas cidades em que ainda não existem, nas Varas Criminais. A lei também tipifica as situações de violência doméstica, proíbe a aplicação de penas pecuniárias aos agressores, amplia a pena de um para até três anos de prisão e determina o encaminhamento das mulheres em situação de violência, assim como de seus dependentes, a programas e serviços de proteção e de assistência social. A Lei n. 11.340, sancionada em 7 de agosto de 2006, passou a ser chamada Lei Maria da Penha em homenagem à mulher cujo marido tentou matá-la duas vezes e que desde então se dedica à causa do combate à violência contra as mulheres. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/lei-maria-da-penha/sobre-a-lei-maria-da-penha>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

direitos, além dos serviços públicos por meio de uma ligação gratuita. A ideia é preservar a vítima e incentivá-las cada vez mais a denunciar.

Sobre a importância do mapeamento, bem como a contabilização dos dados para somar forças à luta para erradicar a violência contra a mulher, Cecília Santos e Wânia Izumino reforçam que:

Em meados dos anos 80, com o surgimento das delegacias da mulher, passam a privilegiar as ações do Estado nas esferas da segurança pública e da Justiça. Empiricamente, pode-se afirmar que a tarefa primordial dessas pesquisas consiste em “[c]onhecer quais eram os crimes mais denunciados, quem eram as mulheres que sofriam a violência e quem eram seus agressores”. Esses estudos compartilham também as referências teóricas adotadas para compreender e definir o fenômeno social da violência contra as mulheres e a posição das mulheres em relação à violência. (SANTOS; IZUMINO, 2014, p.148)

Mulheres diferentes demandam medidas diferentes. É desta forma que torna-se extremamente necessário tomar conhecimento dos fatores externos e das condições dessas mulheres vítimas de violência, para que assim, haja uma maior reflexão sobre a situação de uma cada uma delas. Levando em consideração assim a classe social, a etnia, sexualidade. Fatores que influenciam diretamente dos índices sobre a violência de gênero no Brasil.

Para melhor ilustrar a ideia de dominação existente na relação de poder instaurada por homens em relações às mulheres – inerente as suas especificidades –, a pesquisadora Cristiane Brandão (2015) complementa melhor esse conceito:

Dominação física não se mantém sem uma fonte simbólica legitimadora. É apenas com a doutrinação do corpo feminino que a dominação masculina consegue elementos para seu pleno exercício. Valorando o corpo feminino como objeto de conquista masculina, fazendo com que a postura genuinamente feminina seja a do resguardo, de maneira cordial, sorridente, simpática, atenciosa, submissa, discreta, contida, só assim se tem o uso legítimo do corpo. (BRANDÃO, 2015, p. 23)

Compreender as relações entre agressor e vítima é primordial para o estudo da violência contra a mulher. Ao analisar as causas desse fenômeno social e os agentes participativos, é necessário afirmar que o Estado tem o papel fundamental não somente na

punição, mas também na ressocialização e acompanhamentos dos agressores. Heleieth Saffioti ainda complementa que:

As pessoas envolvidas na relação violenta devem ter desejo de mudar. É por esta razão que não se acredita numa mudança radical de uma relação violenta, quando se trabalha exclusivamente com a vítima. Sofrendo esta algumas mudanças, enquanto a outra parte permanece o que sempre foi, mantendo seu hábito, a relação pode, inclusive, tornasse ainda mais violenta. Todos percebem que a vítima precisa de ajuda, mas poucos veem essa necessidade do agressor. As duas partes precisam de auxílio para promover uma verdadeira transformação da relação violenta. (SAFFIOTI, 2004, p. 71)

Lutar contra a violência sofrida por mulheres, seja ela em casa ou nas ruas, é uma ação emergencial. O espaço que a temática vem tomando na mídia como um todo, em discussões diárias e em conferências de saúde é um passo extremamente importante ao enfrentamento dos crimes de gênero. Podemos citar novelas onde a temática é abordada como, por exemplo, em *Mulheres Apaixonadas*, de Manoel Carlos, exibida na Rede Globo no ano de 2003. Na trama, o personagem Marcos (Dan Stulbach), agredia sua esposa Raquel (Helena Ranaldi) com golpes de uma raquete de tênis. As composições fortes das cenas contavam apenas com os gritos de Raquel ao som de óperas e filmagens de algum cômodo vazio. Essas cenas ficaram muito marcadas na teledramaturgia e impulsionaram a discussão do tema na mídia.

Já no ano de 2017, a telenovela de Walcyr Carrasco, *O Outro Lado do Paraíso*, também no horário das 21 horas retrata por meio de cenas de violência explícita o conflituoso casamento entre Gael (Sergio Guizé) e Clara (Bianca Bin). A história também cumpre seu papel no que diz respeito a conscientização da população em massa, uma vez que ao abordar o assunto por meio de diferentes mídias, a população consegue visualizar de maneira mais ampla casos de violência. É a mídia agindo com um papel de suma importância nas denúncias de casos de agressão.

Mas, ao passo em quem a temática alcança maior espaço, ainda é possível ver retrocessos inimagináveis em nossa sociedade. Todos os dias nos noticiários vimos mulheres mortas pelos (ex) companheiros, vimos a naturalização do abuso, temos nossos corpos subjugados, mercantilizados, expostos e impostos.

A violência contra a mulher vem tomando mais espaços nas discussões da sociedade contemporânea: Está nas novelas, músicas, na redação do ENEM, nas revistas e na literatura, mas ainda é muito pouco presente nos boletins de ocorrência<sup>9</sup>. Segundo pesquisas feitas pela *ActionAid*<sup>10</sup>, “mais de 500 mil mulheres serão mortas por seus parceiros ou familiares até 2030; apesar de avanço, violência ainda é realidade”.

Ao visitar a página da ONG e conhecer seus estudos e levantamentos, nota-se que a necessidade de intervir na violência sofrida pelas mulheres todos os dias é papel de todos nós, é urgente e extremamente necessário “A *ActionAid* prevê que mais de 500 mil mulheres serão mortas por seus parceiros ou familiares até 2030. O documento faz um apelo a governos, doadores e à comunidade internacional para que se unam a fim de dar prioridade a ações que preservem os direitos das mulheres. O estudo considera dados levantados em 70 países e revela que, apesar de diversas campanhas pelo mundo, a violência ou a ameaça dela ainda é uma realidade diária para milhões de mulheres”.

Visto os dados mencionados ao longo deste trabalho, o livro reportagem *Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis* tem como principal finalidade incentivar denúncias de violência, a partir dos relatos de mulheres que superaram agressões em suas diversas configurações. Ao relatar as narrativas com alguns dos elementos contidos no jornalismo literário, como a utilização de detalhes mais profundos e a humanização dos relatos, por exemplo, é possível que o leitor tenha uma experiência mais vívida ao conhecer o enredo dos sete perfis, trazendo para mais próximo as situações das mulheres perfiladas e como foi possível seguir em frente e superar.

---

<sup>9</sup> Segundo pesquisa realizada pelo G1 no ano de 2013, mais de 60% dos casos de violência não são denunciados por diversos motivos: vergonha e para preservar os filhos são os principais deles. Disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/08/mais-de-60-das-mulheres-nao-denunciam-agressao-por-vergonha.html>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

<sup>10</sup> Uma organização internacional que trabalha por justiça social, igualdade de gênero e pelo fim da pobreza. Fomos fundados em 1972 e estamos presentes em 45 países, alcançando mais de 15 milhões de pessoas no mundo. No Brasil desde 1999, atuamos em mais de 2.4 mil comunidades e beneficiamos mais de 300 mil pessoas. Trabalhamos em parceria com comunidades e organizações locais em projetos de educação, agroecologia e clima, igualdade de gênero e participação e democracia. Disponível em: <http://actionaid.org.br/>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

## **CAPÍTULO 2 – RECURSOS DO JORNALISMO LITERÁRIO NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS PARA ILUSTRAR SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA**

Jornalismo literário é uma área que engloba a arte da literatura e noticiabilidade. O modelo literário revela o mundo tácito dos fatos, fornecendo mais detalhes e informações relevantes do que o jornalismo tradicional. Em sua tese de doutorado, Procópio-Xavier (2012) define jornalismo literário como “a abordagem jornalística que utiliza técnicas da literatura e apresenta uma apuração de informações diferenciada” (XAVIER, 2012, p.122). O que podemos compreender como uma mescla de jornalismo e literatura visando sempre responsabilidade e os princípios éticos, a fim de compreender melhor – por meio da profundidade de quem escreve – fatos ocorridos e, conseqüentemente suas razões.

Este trabalho de conclusão de curso trata-se de sete perfis de mulheres que vivenciaram situações de violência, organizados e contatos a partir de narrativas construídas em primeira pessoa (a visão da biógrafa) por meio da humanização dos relatos, princípio do Jornalismo Literário. Por fim, a junção da técnica citada unida aos relatos coletados por meio de entrevistas, resultam no livro reportagem *Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis*.

Seja na teoria ou na prática, é imprescindível que o livro-reportagem seja composto por uma boa narrativa, apuração e se basear em elementos noticiosos do jornalismo, além da humanização dos relatos, para que a escrita do autor possa alcançar o receptor de maneira que o enredo o cativa, o fisgue, e que aqueles relatos proporcionem alguma mudança em suas vidas (MARTINEZ, 2009). Em outras palavras, “aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto” (ROCHA; XAVIER. 2013, p. 150).

Partindo da ideia da relevância das narrativas bem contadas por meio de jornalismo literário, é importante elucidar o conceito de realismo social – um dos pilares da obra *Estilhaços* – dito por Tom Wolfe (1973) e utilizado na pesquisa, o qual defende quatro recursos técnicos que auxiliam na escrita dessas narrativas, bem como a aproximação do leitor: Ponto de vista; o registro fiel dos traços cotidianos; a construção cena a cena; e o

registro de diálogos por completo. São meio que além de facilitarem a imersão do leitor, cativam e proporcionam uma maior compreensão do que está sendo contado.

Das características elucidadas acima, procuramos desenvolver principalmente duas delas na produção deste livro: Ponto de vista no que diz respeito a narração da autora acerca de fatos coletados por meio de entrevistas e contato direto com as fontes. Outra característica é o registro completo dos diálogos, para que trechos pertinentes na composição da história sejam utilizados, onde a técnica utilizada é a de entrevistas semiestruturadas de ordem qualitativa.

As características das entrevistas dessa natureza têm o intuito de facilitar a relação intersubjetiva de quem entrevistada para com quem é entrevistado, e segundo Márcia Fraser e Sônia Godim (2004), utilizar das trocas verbais e não verbais que se estabelecem neste contexto de interação, permitir uma melhor compreensão dos significados, dos preceitos e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais.

Além dos conceitos de jornalismo literário, livro reportagem e entrevista, já mencionados aqui, a definição de narrativa – termo já utilizado, porém não demarcado – necessita também ser definido, uma vez que elas compõem o material vital para o produto final desta pesquisa. Segundo Procópio-Xavier (2012), narrativa pode ser significada como “uma organização discursiva específica, resultado de uma atividade humana que tem por objetivo contar ações e a servir para a exposição de acontecimentos, sejam eles reais ou imaginários” (XAVIER, 2012, p. 35).

Procópio-Xavier (2012) ainda pontua em sua tese a relação de ouvir os relatos, característica que podemos estender ao processo de criação no livro *Estilhaços*, ao passo em que a autora da obra literária relata o que foi ouvido com finalidade de tornar os relatos em um acontecimento:

Entender a narrativa como um simples contar de acontecimentos nos leva a crer que os fatos narrados existem por si só, tal como estão sendo relatados. No entanto, o encadeamento dos fatos e a relação entre eles estabelecidas só se tornam possíveis quando tais acontecimentos são resgatados e, de certo modo, interpretados por alguém. Dito de outra forma, a narrativa só existe, enquanto uma representação de acontecimentos, quando alguém dá sentido, organiza os acontecimentos, isto é, daquele constrói a narrativa. (PROCÓPIO-XAVIER, 2012, p. 36)

Após elucidação do conceito de narrativas, é necessário compreender também a sua relação com a humanização dos relatos, um dos pilares do jornalismo literário utilizado na construção dos sete perfis aqui propostos. Jorge Ijuim (2012) em seu artigo “Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas”, levanta alguns questionamentos sobre aspectos que humanizam e outros que desumanizam o jornalismo. No que diz respeito à relação com as fontes, o autor afirma que “tratar a pessoa mais que uma fonte, mas como personagem de uma história, sim, é uma das possibilidades de humanizar o relato jornalístico” (IJUIM, 2012, p.133).

Ainda sobre jornalismo humanizado e sua estrutura dentro do jornalismo literário, o autor discorre que

O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. No trabalho de apuração, busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. (IJUIM, 2012, p.133)

Por fim, entendemos que a humanização dos relatos além de permitir a maior compreensão do leitor sobre o assunto discorrido, possibilita uma relação mais orgânica entre a fonte e a jornalista, o que facilita no momento da escrita da história de outrem.

Na construção das narrativas de vida das sete mulheres as quais as narrativas são contadas no livro-reportagem, é de suma importância para esse trabalho ressaltar as narrativas biografias enquanto uma das ramificações do gênero literário aqui utilizado, considerada narrativas de memória muito utilizadas para conhecer a história de vida por detrás de inúmeras personalidades. Quando a discussão sobre a temática é levantada, identifica-se que comumente são associadas às trajetórias de figuras públicas. Neste trabalho, as histórias são de mulheres reais, mulheres que em algum momento estiverem presentes na vida da narradora. Mulheres que sofreram violência e resolveram contar seus relatos. O protagonismo feminino para somar forças ao enfrentamento da violência.

O conceito de narrativas biográficas utilizado aqui foi proposto por Procópio-Xavier (2012), que define

De modo geral, trata-se de um gênero de estatuto factual, que tem como objetivo informar, relatar a vida de um personagem para leitores que nele tem interesse ou ainda revelar a vida de um personagem desconhecido pela sociedade. Em termos de organização discursiva, o gênero se organiza predominantemente pelo modo narrativo e descritivo, mas é possível encontrar também uma dimensão argumentativa no que tange à defesa de alguns valores específicos e também na construção de imagens positivas sobre o biografado, o biógrafo e o campo discursivo de ancoragem. (PROCÓPIO-XAVIER, 2012, p. 267)

Com o intuito de narrar essas histórias e frisar na emancipação feminina para que relatos de outras mulheres ganhem espaço por meios jornalísticos – em formato de livro reportagem, nesse caso em especial – é imprescindível citar o papel da mulher na construção dos relatos de outras, onde Margareth Rago (2013) defende em sua obra o importante papel no que diz respeito à autonomia da mulher no cenário biográfico:

Dar visibilidade a práticas e modos de ação política e cultural menos perceptíveis e analisados, destacando e refletindo experiências menos teorizadas no campo dos estudos feministas [...] experiências intensas, miúdas e constantes de construção de outros modos de pensar, agir e existir em prol da autonomia feminina (RAGO, 2013, p.28)

Em síntese, quando o assunto é sobre narrativas biográficas, podemos entender o papel da autora da obra *Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis* na construção dos relatos de violência como meio de dar voz às mulheres, onde “biografia é o biografado segundo o biógrafo” (VILAS BOAS, 2002, p. 11). Uma ideia que resume a obra, uma vez que se trata de um livro protagonizado pelo espaço de fala da autora, sendo construída a partir das histórias contadas pelas sete mulheres, além de passar por meio da construção das narrativas, parte da história de vida dessas mulheres, o que denomina-se perfil.

O jornalismo literário, sobretudo na ótica de contar narrativas por meio de relatos, o faz, com mais frequência, em dois gêneros: as biografias e os perfis. Ambos são narrativas sobre uma pessoa, com descrições, histórias de vida e relatos. Porém, há diferenças. Sérgio Vilas Boas (2003), no livro *Perfis – e como escrevê-los*, resume que,

enquanto nas biografias os autores abordam os detalhes da história do biografado, nos perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. Nos sete casos em questão, trata-se dos episódios de violência narrados e transformados em capítulos independentes.

Vilas Boas (2003), ainda define que perfil é uma narrativa curta tanto no tamanho do texto quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. Enquanto biografia é um trabalho de pesquisa, que geralmente exige do biógrafo dedicação e pesquisa detalhista sobre a vida e a obra da personagem biografada. Entretanto, embora as definições de biografia e perfil sejam díspares, um pode acrescentar características de outro no momento da construção textual sobre quem a história está sendo contada.

Agnes de Carvalho Mariano (2003), sintetiza o que foi anteriormente dito ao afirmar em sua pesquisa que

O perfil pode ganhar ares de biografia, abordando várias dimensões da vida do perfilado. Mas é possível também, mesmo no jornalismo profissional, fazer perfis em duas páginas ou meia dúzia de parágrafos. Normalmente se escolhe um aspecto relevante da vida do perfilado, que é utilizado como fio condutor. Uma flexibilidade que pode estar relacionada com sua explícita coerência: um perfil, seja de que tamanho for, almeja tão somente apresentar um ser humano (DE CARVALHO MARIANO, 2013, p. 89)

*Estilhaços* se trata de perfis de mulheres que sofreram violência com o propósito de incentivar que outras mulheres denunciem. Para essa finalidade, na obra de Vilas Boas é possível se sentir contemplada com sua pontuação sobre a relação de contar histórias por meio de perfis com a aproximação de quem os lê:

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. (VILAS BOAS, 2003, p. 14)

Por fim, o jornalismo literário em uma ótica de contar narrativas se torna mais um dos meios de enfrentamento à violência sofrida por mulheres. Através dos mecanismos

aqui apresentados, como a humanização ao relatar as histórias, as entrevistas mais humanas e a narração não somente dos fatos, mas também a elucidação dos detalhes a fim de provocar imersão do leitor, organizar as falas das mulheres em sete perfis, é uma das maneiras de apresentar fatos jornalísticos literários, proposta contida em *Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis*.

## CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO

### 3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Uma das certezas que eu tive durante minha graduação foi que eu queria escrever um livro. No ano de 2016, ainda não havia escolhido de fato o tema, apenas que seria relacionado às mulheres, mas sabia que seria um projeto experimental. As primeiras impressões eram de que eu trabalharia com o corpo, padrões estéticos e quebras de pré-conceitos. Mas, foi no mesmo ano, no início das férias, quando eu tive contato com minha primeira fonte, muito por acaso que eu tive plena consciência do que eu faria: Um livro sobre violência contra mulher.

A fonte 1 do livro, Joelma Souza, concedeu uma entrevista aberta de aproximadamente 4 horas contatando a sua história. O método de captação da conversa foi por meio de um iPhone 6. Após a viagem, o contato com a fonte continuou para que as informações que ficaram faltando fossem apuradas por meio de conversas no aplicativo WhatsApp. A entrevista foi guardada e decupada manualmente.

Já na disciplina de Pesquisa da Comunicação (COM 390), no início do ano letivo, o tema foi decidido e a leitura das bibliografias iniciada. Os conceitos utilizados a princípio seriam de jornalismo literário proposto por Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena. As discussões de gênero seriam também abarcadas na pesquisa com as definições propostas por Judith Butler. Ao decorrer das leituras, percebemos que os conceitos de gênero não contemplariam nossa pesquisa, já que o intuito era a violência e não as definições estruturais das discussões sobre a temática de Butler.

Traçado um caminho mais centrado, os fichamentos foram iniciados. A cada leitura, os pontos principais de cada livro eram anotados para a confecção do memorial. Os trabalhos da disciplina foram clareando ainda mais minhas concepções. Ao final da disciplina, um grande número do material necessário já havia sido lido e incluso como fundamentação teórica.

Com o início da segunda etapa do TCC, o processo criativo do livro já começou a surgir, mesmo que apenas em esboços. Para uma maior compreensão da escrita acadêmica, bem como suas técnicas para a fluidez e qualidade da pesquisa, alguns outros trabalhos de conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa foram lidos, além de mais um artigo científico que se relacionasse com o tema. Tive contato com os trabalhos:

- Artigo: Mulheres vítimas de violência doméstica: Compreendendo subjetividades assujeitadas. (NARVAZ; KOLLER, 2006)

O artigo cita as definições de Violência de gênero segundo Werba, Gabriela e Strey, Marlene. na obra: *Violências e gênero: Coisas que a gente não gostaria de saber*. Envolve ações ou circunstâncias que submetem unidirecionalmente, física e/ou emocionalmente, visível e/ou invisivelmente as pessoas em função de seu sexo. O trabalho lista “razões” pelas quais as mulheres vítimas de violência se “sujeitam” a tais episódios.

- TCC 1: A Voz do silêncio: Um retrato da violência doméstica na grande Vitória (DINIS; RIBAS, 2013)

O projeto experimental usa como referência o artigo *Violência Silenciosa: violência psicológica como condição da violência doméstica* para entender, como que por meio de um mapeamento, os caminhos que a violência perpassa antes de se tornar física. Também utilizam da relação de dados sobre violência em uma esfera nacional: Dados da ONU para falar sobre a violência que mulheres sofreram em algum momento da vida. E se aproximam com o local do estudo utilizando dados de crimes no Espírito Santo disponíveis no IPEA.

- TCC 2: Do outro lado da grade: perfis do cárcere (HONORATO, 2013)

O livro revela histórias de vida de mulheres em situação de cárcere. A autora usa conceitos de novo jornalismo, bem como jornalismo literário para explicar sua escolha pelo gênero literário como um diferencial no relato jornalístico. Os autores são Eduardo Belo, Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena e Sérgio Vilas Boas.

Após o primeiro contato com um trabalho de conclusão de curso, o processo foi iniciado para a etapa de coleta de dados.

## 3.2 PRODUÇÃO

Após a confirmação do tema, o número de fontes inicialmente foi traçado. O objetivo era compor o livro com 10 perfis de diferentes mulheres. Porém a quantidade foi repensada após uma pesquisa feita sobre dados de denúncia de mulheres agredidas. A quantidade de sete perfis se faz sem algum motivo pertinente. De acordo com o jornal Estadão, em pesquisa realizada no ano de 2016, o Brasil tem uma denúncia de violência contra mulher a cada sete minutos. Como o principal objetivo do livro é fazer com que demais mulheres denunciem casos de agressão, o número sete fez-se necessário no número de perfis contido na obra.

Com a quantidade de perfis já demarcados, o processo de entrevistas teve início no mês de agosto. As sete fontes foram escolhidas a partir da pluralidade das mulheres, assim como a maneira que sofreram violência. Mecanismo utilizado para evidenciar algumas das divisões de agressões e como situações dessa ordem podem afetar a diversos fenótipos, classes sociais, regiões e níveis de escolaridade. A única relação entre as fontes era o fato de serem mulheres que surgiram ao longo de minha vida. Não fui em busca das histórias, elas simplesmente fizeram parte da minha em algum momento.

As fontes e suas características são:

- A moça do ônibus – Joelma Souza, 33 anos. Vítima de agressões físicas de seu ex-namorado Marcos durante 6 anos. Sua entrevista foi feita em dezembro de 2016, dentro de um ônibus, no interior da Bahia. A história da moça é uma quebra de estereótipos pré-estabelecidos pela sociedade e, de certa forma, reafirmados por muita gente. É formada em pedagogia e dá aulas em uma escola. Os relatos de Joelma são para elucidar que a violência pode acontecer também com mulheres instruídas, de classe média.
- Pérola Negra – Júlia Costa, 25 anos. A conheci enquanto era educadora no Cursinho Popular. Sofreu racismo toda a sua vida, além de ter o seu corpo molestado pelo próprio pai, que também abusava de outros membros da família. Também foi vítima de assédio pelos patrões enquanto trabalhava como empregada doméstica para sustentar a família. Após entender que através dos estudos poderia mudar sua realidade, veio para Viçosa em busca de uma vida melhor.

- A história de Lolli Bea – Beatriz Ganda, 22 anos. Após passar por um período difícil no que diz respeito a sua situação financeira, Beatriz começou a trabalhar em um site de entretenimento adulto como emprego secundário para complementar a sua renda. A conheci por meio de uma rede social, enquanto a mesma estava relatando como era trabalhar com o corpo. Sofreu violência psicológica pelas maus-tratos aos quais era vítima durante a madrugada em que fazia performances. Na adolescência era assediada pelo padrasto, além de já ter sido privada de muitos empregos por não seguir padrões estéticos.
- O desabafo – Amanda R., 25 anos. Após ter um sonho de que estava sendo estuprada pelo seu pai, Amanda veio até mim relatar sua história. É uma mulher de classe média alta, de família tradicional, tem na figura masculina de pai o seu maior medo. Por conta do vício em álcool, ele constantemente agredia psicologicamente, ameaçava e menosprezava as mulheres de sua família. O sonho fez com que ela aumentasse ainda mais o medo do pai.
- Mulher sem aspas – Alice (nome fictício), 27 anos. Era minha amiga antes mesmo de mostrar ao mundo ser uma mulher trans. Diferente das demais, conseguiu se formar e ingressar numa pós-graduação. Enfrentou preconceitos dentro e fora de casa, mas foi no apoio de uma amiga também trans, já falecida que encontrou a coragem para se assumir e iniciar a transição sem acompanhamento médico. Passou por diversas relações abusivas com homens que a humilhavam muitas vezes por ser trans.
- A menina das sardinhas – Maria (nome fictício), 24 anos. A conheci por meio de uma amiga que relatou a ela sobre o livro e fez com que ela quisesse conversar sobre sua história. A narrativa consiste em um relacionamento abusivo que durou mais de 5 anos com um companheiro que a humilhava na frente dos amigos, utilizava de seu status para diminuí-la. Por muitas vezes abusou sexualmente dela usando do abuso psicológico para convencê-la a manter relações sexuais com a mesma. Descontava na namorada abusos que ele sofria em casa.
- Onde tudo começou – Joana (nome fictício), 35 anos. Meu primeiro contato com a violência. Sofria abusos psicológicos, verbais e físicos de seu marido infiel. É a história final do livro. A ideia de encerrar sem seguir uma linha cronológica é

justamente finalizar com o principal motivo do livro. Joana foi alguém muito importante para a minha família e o que acontecia ao lado de minha casa, de certa forma, deu início a toda a pesquisa.

O período de entrevistas se iniciou em dezembro de 2016. A partir deste momento as fontes foram surgindo ao decorrer do processo de construção das narrativas. Em setembro de 2017 as sete fontes foram escolhidas as entrevistas encerradas. O processo das entrevistas adotado foi o de semiestruturada, onde algumas perguntas eram tidas como base, mas ao decorrer da conversa, novas questões iam surgindo e compondo a narração. Cada entrevista tinha o tempo médio de duração de duas horas e meia. As perguntas não eram padrão para todas as entrevistas. Deste modo, cada situação demandava uma estrutura diferente, o que resultou em relatos de construções bem destoantes uns dos outros.

O equipamento utilizado na captação dos sons foi o mesmo, um iPhone 6, o qual grava seus áudios no formato M4A, mas eram convertidos por meio do site <http://online-audio-converter.com/pt/>, para o formato MP3, para facilitar a compatibilidade dos arquivos. Quando convertidos, os áudios eram compartilhados numa pasta do iCloud e, em sequência, a extensão do Google Chrome online era utilizada para transcrever as entrevistas superficialmente, <https://www.google.com/intl/pt/chrome/demos/speech.html>. Como o processo era todo automatizado, as entrevistas não puderam ser transcritas por completo, exigindo uma correção das decupagens feitas pelo site.

Posteriormente ao processo de transcrição das histórias, foi feita a seleção das falas que iriam compor a epígrafe de cada uns dos capítulos. Como o método narrativo utilizado é em primeira pessoa, a autoria utiliza algumas vezes o recurso das aspas para dar o espaço de fala às vítimas. A técnica de escolher uma das falas mais marcantes das perfiladas é, além de frisar o protagonismo das mesmas, abarcar de um modo geral do que se trará cada uma das histórias.

O nome dos capítulos foram surgindo no decorrer da entrevista. Foram criados com base em algum momento de fala ou algum detalhe da cena. As disposições destes não seguem alguma ordem cronológica, a não ser o primeiro e o último, já que A Moça do Ônibus foi o relato que impulsionou a pesquisa e o projeto experimental, e o último se justifica por ser justamente o início do tema violência contra mulher na vida da autora.

A medida em que os capítulos foram sendo construídos e as informações – além da entrevista – se fazendo necessárias, as fontes foram contatadas por meio do aplicativo WhatsApp, o que possibilitou um maior contato com as mesmas. A construção das histórias não seguiu nenhuma linearidade, uma vez que se trata apenas de relatos sobre violência retratados em perfis.

### **3.2.1 O LIVRO**

A obra é uma extensão de uma série de 6 fotografias de mesmo nome para a disciplina de Jornal Laboratório II (COM 452). Foi a partir dessa pesquisa e do ensaio que o nome Estilhaços foi dado ao projeto. A ideia do nome vem justamente do significado da palavra. Algo que está estilhaçado, quebrado, partido e, mesmo que haja a intenção de unir os fragmentos novamente, jamais será possível voltar como era de início.

Assim são as histórias das sete mulheres perfiladas: Sofreram violência em suas inúmeras formas e, em algum momento estiveram fragmentadas como um pedaço de vidro que se estilhaçou. Porém, com o passar do tempo superaram esse momento tão delicado em suas vidas. Assim como algo que se estilhaçou, mesmo com todos os mecanismos possíveis para unir os pedaços, jamais voltará a ser o que era antes. Restarão sempre as marcas. Assim são as vidas das mulheres aqui narradas. Superaram a violência que sofreram um dia, porém tudo que vivenciaram deixaram vestígios.

### **3.2.2 DIAGRAMAÇÃO**

O livro é composto internamente apenas por textos. A única imagem presente no trabalho é a capa, que foi diagramada pelo *Indesign cs6* da Adobe e tratado no *Photoshop CC2015*, também da Adobe. O programa utilizado na diagramação dos textos do produto final foi o *Word 2010*, programa do pacote Office da Microsoft. A opção por um programa tão mais simples se dá pela estrutura que o livro se propõe, onde o protagonismo é com enfoque nas narrações. Segue abaixo o quadro com as configurações da construção do texto no que diz respeito a fontes:

## FORMATAÇÃO TEXTUAL

<b>Recurso</b>	<b>Fonte</b>	<b>Tamanho</b>	<b>Observações</b>
Título dos capítulos	Book Antiqua regular	16	Texto centralizado na página
Epígrafes	Book Antiqua itálico	12	Disposição à direita no final da página. Espaçamento 1,15; justificado
Subtítulo no cabeçalho	Myriad Pro Ligth regular	10	Em páginas ímpares, disposição à direita; em páginas pares, disposição à esquerda
Número de páginas	Footlight Mt Ligth regular	11	Em páginas ímpares, disposição à direita; em páginas pares, disposição à esquerda
Texto principal	Book Antiqua regular	11,5	Espaçamento 1,15; justificado

A escolha das fontes se deu através de pesquisas nos principais sites de produções literárias, para que o produto final se enquadrasse tanto numa ótica de funcionalidade, quanto numa esfera de qualidade e beleza. A escolha pela tipografia serifada (exceto no subtítulo e no nº de páginas), se dá pela possibilidade de facilitar a leitura. O olho humano ao perceber uma palavra como um bloco óptico, melhoram a legibilidade a partir das

serifas. De maneira geral, elas facilitam a leitura, pois fazem o texto parecer contínuo aos olhos do leitor.

O que diz respeito a formatação das páginas gerais do livro, os espaçamentos foram organizados da seguinte maneira:

- Margem à esquerda 3 cm;
- Margem à direita 1,5 cm;
- Margem superior e inferior 3cm.

Obs: A formatação das páginas se inverte nas páginas pares.

O uso de uma página apenas para o título, remete o enfoque do protagonismo da fonte daquela narrativa em questão. Já a utilização da epigrafe é para, além de dar voz à mulher a qual a história está sendo contada, tem a finalidade de fazer um breve resumo do que se trata cada uma das narrativas.

### **3.2.3 FOTO DE CAPA**

As fotos da capa foram tiradas no estúdio fotográfico do departamento de Comunicação Social da UFV, com o auxílio do técnico Albert Ferreira. As 6 modelos escolhidas não são as mesmas perfiladas. São mulheres comuns, nuas, deitadas na mesma posição em um fundo preto. A escolha pela nudez é justamente para simbolizar a relação com as fontes, que em uma ação de “despir sua história”, quando decidiram contar relatos de um assunto dessa ordem de intimidade e tão delicado. Ao final da captação das imagens, com o auxílio do programa *Photoshop*, as fotos foram unidas em uma única imagem.

Para a confecção do ensaio fotográfico que originou a capa, foi utilizada uma escada para que a imagem fosse captada de cima para baixo, com a finalidade de capturar a mulher deitada, de lado, com as partes íntimas escondidas pelo próprio corpo das modelos. O recurso de *2 flashes* com disparos simultâneos foi empregado para que as imagens dessem algumas sombras propositais. Assim, a luz do estúdio foi desligada aproveitando apenas a iluminação artificial.

Além destes equipamentos, uma câmera D90 também foi usada, com a lente de 22 mm, nas seguintes configurações:

- O ISO utilizado foi o de valor 100;
- A escala de abertura F, era de f/10;
- Obturador em 1/200 frames por segundo.

A fonte utilizada é a *Break It*, tamanho 16, com sombreado preto. O recurso de vidro quebrado desta fonte possibilitou um maior impacto por parte do título do texto e pela cor escolhida, o vermelho, para indicar o sangue de tantas mulheres que morreram vítimas da violência de gênero.

### **3.3 PÓS-PRODUÇÃO**

Com o produto já finalizado, o livro passou para o processo de impressão. No contato com a gráfica, o tamanho escolhido foi o A5, equivalente a meia página de A4 na horizontal. A diagramação resultou em um produto vertical, com as configurações já mencionadas acima. O papel escolhido foi papel reciclado, que já é muito utilizado na vida cotidiana. O motivo pelo qual esse tipo de papel tenha sido escolhido, é a maximização do valor extraído das matérias-primas, uma vez que a vida útil do papel dura de quatro a sete reciclagens.

Outra vantagem está no fato de diminuir os resíduos depositados em aterros, além da economia de 1,37 MWh a 3,51 MWh de energia por tonelada de papel produzido<sup>11</sup>. Também se estima que, ao reciclar papéis, sejam criados cinco vezes mais empregos do que na produção do papel de celulose virgem e dez vezes mais empregos do que na coleta e destinação final de lixo. Além de não destruir florestas, como na produção do papel de celulose virgem. O total de 4 exemplares foi impresso.

---

<sup>11</sup> Informações disponíveis em: <http://tipografos.net/boas-praticas/fonte-apropriada.html>. Acesso em 12 de novembro de 2017.

### 3.4 – Cronograma e Orçamento

	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV
Reuniões com o orientador						
Leitura de referencial teórico						
Seleção de fontes						
Entrevistas						
Transcrição das entrevistas						
Escrita do memorial						
Escrita do livro						
Elaboração do projeto gráfico						
Revisão						
Diagramação						
Impressão do material						
Defesa do TCC						

DESCRIÇÃO	VALOR
Revisão dos livros	100,00
Impressão dos memoriais	R\$16,00
Impressão dos livros	R\$120,00
<b>TOTAL</b>	<b>R\$236,00</b>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência contra a mulher é um assunto de emergência indiscutível. Seja em qualquer formato midiático, é necessário fomentar discussões sobre a temática a fim de erradicar os crimes de gênero em nossa sociedade, por meio da propagação das informações que, muitas vezes, ficam escondidas em boletins de ocorrência.

*Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis* é um livro-reportagem com sete perfis de mulheres que passaram por situação de violência em suas vidas, mas mesmo que aos poucos, puderam superar e seguir em frente. O número sete foi escolhido a partir de uma pesquisa do Estadão no ano de 2016, que revelou 1 denúncia de violência contra mulher a cada sete minutos no Brasil. Os dados da pesquisa são os mais atuais ano que diz respeito às denúncias.

O objetivo de livro é justamente esse. A partir dos relatos fazer com que demais mulheres denunciem seus agressores e, assim como as perfiladas, sigam em frente. Outro objetivo também importante a se mencionar, é a de identificação de violência. Como alguns tipos de agressões, salvo as físicas, são mais naturalizadas e normalizadas em nossa sociedade, perceber através dos relatos situações equivalentes ao cotidiano de outras mulheres e, possivelmente despertar o sentimento de identificação, se torna mais um dos objetivos que se somam com o intuito de alavancar as denúncias.

Os recursos utilizados do jornalismo literário, permitem através do relato humanizados, por exemplo, descrever as situações de agressões, sejam físicas, sexuais, psicológicas, dentre outras. Ao recontar os acontecimentos contidas em *Estilhaços – a violência contra a mulher em perfis*, o livro vem com o intuito de dar voz a essas mulheres por tantas vezes silenciadas. É usar do papel de jornalista para por meio da noticiabilidade em forma de literatura, dar o protagonismo a essas mulheres e, por mais um meio de comunicação, dar o espaço de discussão que a violência de gênero precisa.

Ouvir os relatos das sete mulheres no processo de criação dos perfis, permitiu que eu tivesse uma visão ainda maior da necessidade de fomentar discussões sobre a violência de gênero ainda muito latente em nossa sociedade. Foi de fato emocionante conhecer cada uma das histórias e reproduzi-las a partir da obra. É exatamente esse contato com as fontes

que possibilita que hoje eu tenha a sensação de me tornar um jornalista muito mais humana, mais sensível.

A empatia que envolve esse trabalho de conclusão de curso certamente é o sentimento pilar em todo seu processo de criação, sobretudo ao relatar um assunto tão sério e, ao mesmo tempo, de relevância social tão importante. As lágrimas ao finalizar o livro é a recompensa que colho por todo o sentimento de dever cumprido – pelo menos por hora – ao enfrentamento da violência contra a mulher.

Ainda há muito o que se debater, discutir. Porém, Estilhaços vem como mais um dos mecanismos que possibilitam que a temática tome espaço na mídia. É a violência sofrida por mulheres, escrita por uma mulher. A representatividade que faz com que cada momento descrito, desperte uma sensação de empatia indescritível. Mulheres unidas pelo fim da violência de gênero.

*“Companheira me ajuda  
Que eu não posso andar só,  
Eu sozinha ando bem  
Mas com você ando melhor”*

Marcha Mundial das Mulheres

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**, volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BRANDÃO, Cristiane. **Violência contra a mulher e as práticas institucionais**. Série Pensando o Direito, n. 52, p. 1-109 2015.

DAY, Vivian Peres et al. **Violência doméstica e suas diferentes manifestações**. Rev Psiquiatr Rio Gd Sul, v. 25, n. Supl 1, p. 9-21, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

DE CARVALHO MARIANO, Agnes Francine. **Gêneros jornalísticos no ensino-aprendizagem da escrita: da entrevista ao perfil**. Fronteiras-estudos midiáticos, v. 15, n. 2, p. 86-95, 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/3161>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

DE OLIVEIRA, Nathalie Ap; DE LIMA GONÇALVES, Edvagner; MARTINS, Helena. **Lei Maria da Penha**. JCEX, v. 1, n. 1, 2014.

FONTANA, Mônica et al. **Violência contra a mulher**. In: Saúde da mulher e direitos reprodutivos: dossiês. RedeSaúde, 2001. p. 101-128.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, 1996

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática, v. 7, n. 2, p. 117-137, 2012. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/articloe/view/196/132>. Acesso em 20 de Outubro de 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Editora da Unicamp, 1993.

MAGALHÃES, Belmira. **As marcas do corpo contando a história: um estudo sobre a violência doméstica**. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2005.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 6, n. 1, p. 71-83, 2009.

MONTEIRO, Marli Piva. **Feminilidade**: o perigo do prazer. Vozes, 1985.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Mulheres vítimas de violência doméstica**: compreendendo subjetividades assujeitadas. Psico, v. 37, n. 1, 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. Editora Contexto, 2006.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Revista Contracampo, v. 2, n. 17, p. 43-58, 2007. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/349/152>. Acesso em 27 de setembro de 2017.

PROCÓPIO-XAVIER, Mariana Ramalho. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo**. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) – Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-96TEX7>. Acesso em 23 de outubro de 2017.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Editora Unicamp, 2013

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Rumores, v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>. Acesso em 01 de outubro de 2017.

SABADELL, Ana Lucia. **Violência contra a mulher e o processo de juridificação do feminicídio**: reações patriarcais no direito brasileiro. Revista da EMERJ, v. 19, n. 72, p.168-190, jan./mar. 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Cecília MacDowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero**: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe, v. 16, n. 1, 2014.

SILVEIRA, Clara Maria Holanda; COSTA, Renata Gomes. **Patriarcado e Capitalismo: Binômio Dominação – Exploração Nas Relações de Gênero**. In: IV Seminário Nacional Trabalho e Gênero. 2012, Goiás. Anais do IV Seminário Nacional Trabalho e Gênero, 2012. V4.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos, jornalismo sobre personagens**. São Paulo, Summus, 2002.

WOLFE, Tom. **The New Journalism**. Editora Harper, 1973.